



Ponte de Paraíba do Sul.

do Sul, excelente obra de engenharia, construída de 1843 a 1857, sôbre a qual há referências em outro tópic.

OUTROS ASPECTOS DO MUNICÍPIO — O município é cercado por numerosos afluentes do rio Paraíba do Sul, que o banha numa extensão de cerca de 50 km. Um de seus pontos pitorescos é a "Pedra da Tocaia", com aproximadamente 500 metros de altitude, que se avista da cidade, e barra o fundo de um vale à margem do chamado "Caminho Novo de Minas Gerais". Conta a tradição que um célebre bandido, do alto dessa pedra tocaiava os viajantes e tropas que passavam, vindo-lhe daí esse nome.

OUTROS ASPECTOS CULTURAIS — A Prefeitura Municipal possui uma biblioteca pública com cerca de 2 100 volumes. Não sômente na sede municipal mas também nas vilas há serviço de água e luz. O município conta com mais os seguintes melhoramentos: Cinemas — 2; Associações desportivo-culturais — 3; Tipografia — 1; Cooperativa de produção — 1; Artísticas — 2.

VULTOS ILUSTRES — Dentre os filhos ilustres do município, conta-se Agripino Grieco, no campo da crítica, da literatura e da poesia.

DIVISÃO ADMINISTRATIVA — Na atual divisão administrativa do Estado, o município de Paraíba do Sul compõe-se dos distritos de Paraíba do Sul, Inconfidência, Saluráris e Werneck.

PARATI — RJ

Mapa Municipal na pág. 203 do 6.º Vol.

HISTÓRICO — Em suas "Memórias Históricas do Rio de Janeiro", monsenhor Pizarro, referindo-se à região que abrangia as terras do atual município de Parati, diz terem sido elas, na época de seu desbravamento, habitadas pelos índios de uma tribo denominada "goianá".

O devassamento das terras de Parati, foi motivado pela necessidade da abertura de caminhos, que ligassem as regiões de São Paulo e, principalmente, as das "Minas Gerais" com o Rio de Janeiro. Do começo do século XVI aos princípios do século XVII, quando a Serra do Mar era tida como obstáculo intransponível, Parati desfrutou a regalia de ser considerado ponto obrigatório de passagem e estabelecimento dos viajores, que buscavam o interior de São Paulo Minas, ou que dele viessem, demandando o lito-

ral. Ainda em 1597, Martim Corrêa de Sá, filho do governador Salvador de Sá, aproveitou, como melhor até então conhecido, o roteiro misto, marítimo-terrestre, via Parati, para alcançar as "Minas Novas" ou "Minas Gerais". Embarcando no Rio de Janeiro chegou, por mar, a Parati acompanhado de 700 portugueses e 2 000 índios, penetrando em São Paulo, rumo a Pindamonhangaba, onde atingiu o vale do rio Paraíba, cujo curso seguiu até chegar à foz do rio Paraíba, de onde se internou nas terras das "Minas Gerais". Vê-se, pois, que, em fins do século XVI, já a localidade era bem conhecida, tanto assim que uma expedição tão vultosa e cara, era arriscada no itinerário cuja base deveria, forçosamente, ter sido bem estudada. É que desde princípios do século, já muitos tropeiros haviam pervagado pelos caminhos daquela rota, plantando aqui e ali os seus ranchos, marcos iniciais das povoações que mais tarde floresciam.

Segundo tradição, as terras hoje sob a jurisdição municipal de Parati, foram, a princípio, concedidas em forma de sesmarias, a alguns moradores de Angra do Reis.

Com o correr dos tempos, num morro distante 85 braças para o norte do rio Perequê Açu, foram-se congregando os colonizadores, dando ensejo a que surgisse o primeiro núcleo organizado de povoação nas terras de Parati. Neste local erigiram os moradores uma capela destinada ao culto de São Roque, que também foi eleito padroeiro da novel povoação. Acredita-se tenha essa capela sido levantada em princípios do século XVII. Posteriormente, achando os povoadores dessa localidade que a situação física da mesma não era propícia a desenvolvimento, resolveram transferir-se para outro lugar, onde as condições fôsem mais favoráveis. Feita a mudança, construíram os colonos novo templo por volta de 1646, em terreno doado por Maria Jácome de Melo, sendo escolhida Nossa Senhora dos Remédios como protetora.

Diz José Mattoso Maia Forte que o território de Parati foi primitivamente habitado por "guaianás", que tinham descido das serras da Capitania, sendo êstes substituídos por colonizadores portugueses que aí viveram durante muitos anos em estado de independência, não havendo justiça nem Câmara, sendo o local um valhacouto de malfeitores.

Em 1660, o capitão-mor de São Vicente, Jorge Fernandes da Fonseca, elevou o povoado à categoria de vila, com autorização do Governador do Rio de Janeiro, o general Salvador Corrêa de Sá e Benevides, o que causou protestos da Câmara de Angra dos Reis, aliás não atendidos por D. Afonso VI, que confirmou a criação da vila.

Outra versão diz que, nesse mesmo ano, tal era o progresso da localidade, que um paratiense decidido, Domingos de Abreu, requeria, em nome do povo, ao capitão-mor de São Vicente, a elevação do povoado à categoria de vila, levantando antes da proposta ao requerimento e por sua própria conta, o pelourinho, símbolo primitivo de autonomia e autoridade. Angra dos Reis, a cuja jurisdição estava sujeita a povoação, se opôs a que tal idéia se colimasse, sendo, todavia, vencida a sua resistência, em face da atitude desassombrosa do povo de Parati, que reclamava fôsse reconhecida sua autonomia. Com o crescimento do povoado começaram a surgir litígios entre os seus habitantes, dando ensejo ao aparecimento de casos, cuja solução era prática-